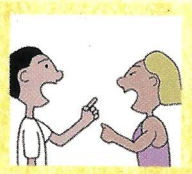
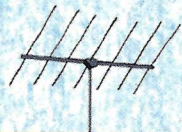


# Entre tapas e beijos

## O dia a dia em casa



# Entre tapas e beijos

## O dia a dia em casa

O silêncio é cúmplice da violência. Ao longo dos séculos, teceu-se um silêncio denso, pesado e doloroso, em torno das agressões cometidas entre tapas e beijos. Configurou-se assim uma zona de conflito extremamente perigosa, freqüentemente mortal, onde o tapa dói também no coração, o tiro fere o corpo e mata o sonho.

Em 1993, na Conferência Internacional de Direitos Humanos organizada pelas Nações Unidas em Viena, mulheres do mundo inteiro exigiram que estas violências fossem consideradas como violações de direitos humanos e que se tomassem medidas para garantir a integridade física e emocional das vítimas destas agressões. Hoje, apesar de avanços significativos, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que as agressões que ocorrem no espaço privado, adquiram visibilidade social.

Em prosa ou em verso, estes textos falam sobre o momento em que o primeiro tapa rompe uma arquitetura de esperanças e emoções, como uma tempestade inesperada, destruindo alicerces afetivos, embaralhando personagens e expectativas. Falam da dor da permanência e da esperança do rompimento. Mesmo que este ocorra 18 boletins de ocorrência depois daquela imagem do noivo sorridente, do bolo e dos sonhos fotografados no dia do casamento.

Através das vozes de seus protagonistas esta publicação rompe silêncios, contribuindo significativamente para que esta zona de conflito, extremamente perigosa em sua solidão, ambivalência e opacidade, se torne mais nítida para todos os protagonistas e agentes destas tramas.

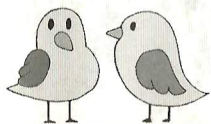
Jacqueline Pitanguy  
Mentora Fundação MacArthur  
CEPIA



Coletânea de textos (poesia e prosa)  
vencedores do concurso:

# Entre tapas e beijos

O dia a dia em casa



**Entre tapas e beijos: o dia a dia em casa.**

Copyright 2000 by Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo  
Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa.

**Primeira Edição**

**Tiragem:** 500 exemplares  
novembro de 2000

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro,  
por qualquer sistema, sem o prévio consentimento  
da produtora.  
Direitos desta edição reservados à Produtora.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Entre tapas e beijos : o dia a dia em casa /  
[organização Ana Flávia P. Lucas  
d'Oliveira]. -- São Paulo : Departamento de  
Medicina Preventiva da USP , 2000 .

Vários autores .

1. Poesia brasileira - Coletâneas 2. Prosa  
brasileira - Coletâneas I . d'Oliveira , Ana Flávia  
P . Lucas.

00-4138

CDD-869.9108004  
-869.9308004

**Índices para catálogo sistemático :**

1. Poesia : Antologias : Século 20 : Literatura  
brasileira 869.9108004
2. Prosa : Antologias : Século 20 : Literatura  
brasileira 869.9308004

# Ficha Técnica

Realização

**Departamento de Medicina Preventiva da USP  
(Linha de Pesquisa Violência e Gênero nas Práticas de Saúde)**

**Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa**

Coordenação Editorial

**Ana Flávia P. Lucas d'Oliveira**

**Milena Dayan Liberman**

Capa

**Ricardo Mello**

Design Gráfico

**Ricardo Mello**

Ilustrações

**Ricardo Mello**

Editoração Eletrônica

**Ricardo Mello**

Revisão

**Ana Flávia P. Lucas d'Oliveira**

**Milena Dayan Liberman**

**Ricardo Góes**

Produção Gráfica

**Ricardo Mello**

Fotolito e Impressão

**Centrográfica Editora e Gráfica Ltda.**

Apoio

**Fundação MacArthur**



## A academia em perspectiva de intervenção social: entre tapas e beijos

**P**ara muitos as instituições universitárias não são lugar de se lidar diretamente com questões cotidianas da vida social. Suas pesquisas são “de laboratório” e os produtos nem sempre representam imediatas aplicações para o dia-a-dia das pessoas. Tratar com políticas públicas? Intervir em problemas sociais? Ter que responder por Violência Doméstica? Decididamente, não, dirão os defensores da tradição das academias como “Olimpos”, lugar dos deuses e de suas preocupações extra terrenas, e por isso, importantíssimas, e não o lugar dos problemas comezinhos, ainda mais, aqueles das “donas-de-casa”!!!

No entanto, e não só pela Academia, mas também pelo fundamental apoio da Fundação MacArthur e, afinal, pelo braço da Medicina Preventiva e a prestação de serviços da Universidade em sua área de programas de saúde e práticas de prevenção – o Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa, eis-me aqui e com grande satisfação, apresentando o produto de uma pesquisa universitária, que, acadêmica, conjuga-se à preocupação militante de abraçar tema da mais alta relevância ética e social nos dias de hoje, adotando, ainda, a perspectiva da ação social como parte da própria investigação.

Se o tema – violência – é por si só engajado, a pesquisa-intervenção revela a inovação necessária e tão atual da academia: a ciência novamente engajada. Como o foi em seu nascimento, a ciência que, com a modernidade, veio para conhecer e libertar, vem, agora, libertar conhecendo,

**“O tema traz novas questões éticas e técnicas e permite, sobretudo, inovar.”**

emancipando-se em novos objetos e desenhos de produzir conhecimento, ao mesmo tempo em que neste movimento permite emancipar quem dele participa, como sujeito pesquisador ou sujeito pesquisado.

O tema traz novas questões éticas e técnicas e permite, sobretudo, inovar. Um concurso de redação, como parte do programa de pesquisa e intervenção expressa bem essa abertura, que foi trazida para a Universidade pela mão de Ana Flávia d'Oliveira como coordenadora deste projeto, com a colaboração de muitos auxiliares diretos e indiretos (Milena, Heloisa, André, Ricardo, Elaine, Márcia, Andréa, Adriana, Juliana, Maria Cecília, Luciana, Ligia, Prof. Ivan), que são bolsistas, alunos de iniciação científica e colaboradores docentes e não docentes da linha de pesquisa em Violência e Gênero nas Práticas de Saúde no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP. Se para a pesquisa todo esse material, que ora se publica, traz um modo novo de conhecer e um conhecimento que até aqui restou à margem das investigações científicas, para outras formas de atuação, que também pertencem às universidades, como o ensino ou os programas de prevenção e promoção à saúde, representa um aporte de inestimável valor: a presentificação de um vivido, uma experiência que, até hoje invisível aos profissionais da Saúde, descortina de modo tão agudo e com grande impacto, esse cotidiano de vida privada em que os sofrimentos se gestam e o adoecimento se instala. E nunca, de forma tão explícita, pudemos ter acesso à dor que outras dores ocasiona, dor sem nome, sem lugar fisiopatológico, mas que já está presente nos serviços de Saúde por muitas mulheres: todas cujas vidas, infelizmente, estes textos representam.

Apreciemos, pois, o que eles nos mostram e nos ensinam, louvando a coragem dos que se prontificaram a tecê-los e torná-los públicos.... depoimentos, testemunhos para nós e para este feliz empreendimento de um concurso de redação.

São Paulo 4 de Outubro de 2000.

*Profa. Lilia Blima Schraiber*  
*FMUSP/DMP. Coordenação do Grupo de Pesquisa*

# Apresentação

**T**emos o prazer de apresentar as redações vencedoras do concurso **Entre tapas e beijos: o dia a dia em casa**. Este concurso foi parte do projeto "Violência, gênero e direitos humanos", desenvolvido na linha de pesquisa em Violência e Gênero nas Práticas de Saúde do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, e visava trabalhar o problema da violência doméstica da perspectiva dos usuários e profissionais dos serviços de saúde.

A primeira fase do projeto foi realizada em 1999, e reuniu diversas instituições da região oeste da cidade de São Paulo. Participaram cerca de 40 instituições localizadas nesta área, entre serviços de saúde do Estado e Prefeitura, núcleos universitários, ONGs, escolas e Casa de Cultura em reuniões mensais onde foi discutido o cuidado oferecido à violência doméstica na região. Este esforço tornou visível o problema para vários serviços de saúde e iniciou a estruturação de uma rede assistencial, facilitando a possibilidade de detecção e resposta ao problema. Mas ainda nos parecia que faltava conhecer melhor o tal "problema".

Em sua segunda fase, além de continuar a articular esta rede de profissionais de diversas instituições, realizamos o concurso de textos **"Entre tapas e beijos: o dia a dia em casa"**, que teve como objetivo incentivar a reflexão a respeito dos vários aspectos da vida em família e suas dificuldades. O público alvo foi a população local, especialmente aquela usuária dos serviços participantes do fórum de serviços. A forma peculiar de aproximação do problema - um concurso de redação em um projeto de saúde - nos trouxe a possibilidade de vislumbrar relatos autênticos e genuínos, aproximando os profissionais do sofrimento cotidiano da população, que é também deles e de todos nós. Buscamos, através do concurso, ampliar o debate público

"Buscamos ampliar o debate público sobre o problema e suas alternativas de solução."

sobre o problema e suas alternativas de solução e ao mesmo tempo oferecer um canal legítimo de expressão e comunicação para estas histórias, pois acreditamos que a escrita pode ser um exercício de dar sentido à concretude de experiências cotidianas sofridas em direção à sua elaboração. As histórias são tristes, mas a sua publicação é mais um passo para que elas se transformem. Perceber a dignidade, a força e a esperança em cada um dos relatos que se seguem nos dá ânimo de continuar contribuindo para construir cotidianos mais ricos e afetuosos.

Recebemos 72 redações, em duas categorias: prosa e poesia. Os textos vencedores estão aqui na sua íntegra, com apenas pequenas correções de ortografia e gramática, assim como algumas reflexões de membros da comissão julgadora sobre o difícil trabalho de selecioná-los. Os trabalhos nos falam do cotidiano doméstico de pontos de vista diversos, a partir do olhar de homens e mulheres. São olhares que se tornam agora disponíveis para muitos outros: podem inspirar trabalhos com grupos educativos em instituições governamentais e ONGs ou podem ser leitura individual, para refletirmos sobre nossa vida a partir da generosidade dos autores, que expuseram suas experiências para nós.

Aproveitem, e obrigada aos autores, à comissão julgadora e a todos que colaboraram neste processo.

Obrigada especialmente à equipe de pesquisa (Milena, Heloisa, André, Ricardo, Elaine, Márcia, Andréa, Adriana, Juliana, Maria Cecília, Luciana, Ligia, Prof. Ivan), às instituições colaboradoras (Casa de Cultura do Butantã, Núcleo de Estudos de Violência da USP e Projeto Avizinhar-CECAE USP), à Fundação MacArthur, à Jacqueline Pitanguy, mentora do projeto, ao Departamento de Medicina Preventiva e à Lília Blima Schraiber, que abrem portas e estimulam uma universidade comprometida e participante, que busca cumprir sua importante função social.

São Paulo, 31 de julho de 2000.

*Ana Flávia P. Lucas d'Oliveira*  
*Coordenadora do Projeto Violência, Gênero e Direitos Humanos*  
*Doutora em Medicina Preventiva - FMUSP*



# Sobre as redações e o trabalho da Banca Julgadora

**O**s textos recebidos pela banca julgadora são na maioria relatos pessoais de situações vividas ou inventadas, mas que certamente falam da singularidade de cada escritor, suas vivências e anseios. Relatos sinceros e sensíveis sobre o dia a dia de cada um deles. E sobre o nosso.

As metas do concurso foram alcançadas na medida em que foi aberto um espaço para que a população falasse, para que pudesse dar palavras para as experiências vividas no cotidiano, refletir sobre as questões que nos afligem. Os autores são de diversas camadas sócio-culturais. A própria leitura permite identificar universos diferentes com problemáticas semelhantes. São temas que se repetem, imagens recorrentes, normalmente a respeito das relações familiares, seus dramas e as estratégias para enfrentá-los

A banca julgadora enfrentou momentos distintos, num primeiro momento a expectativa de entrar em contato com os relatos da vida das pessoas - um desejo de aproximação em direção ao outro, e posteriormente a incerteza sobre a forma de julgar, uma necessidade de rever se os critérios de originalidade, criatividade, adequação ao tema, dariam conta de contemplar os textos escritos e que remetiam ao tema da violência, seja ela cometida por um companheiro ou pelo Estado, ao desamparo dos filhos frente a separação dos pais, as dores de um amor que partiu ou que nunca aconteceu. O conjunto de textos remete a um retrato da nossa sociedade, no seu modo de escrever, na sua maneira de conceber e explicitar seus problemas. Como julgar? Que procedimentos adotar?

**“O conjunto de textos remete a um retrato da nossa sociedade.”**

Num primeiro momento uma, duas, às vezes mais leituras solitárias, deixando vir o impacto das palavras, das histórias alegres e tristes que ali estavam expressas.

Os encontros da banca foram fundamentais para pensarmos critérios que organizassem e homogeneizassem a leitura. Um depoimento pessoal fica enriquecido se seguido de uma reflexão, pela possibilidade de se metaforizar, elaborar. Compartilhar as imagens que se constroem no momento da leitura, algumas delas fazem alusões a cenas ou temas que emocionam, que nos fazem refletir. É preciso dizer que uma seleção deste tipo é sempre subjetiva, sempre vai remeter aos nossos valores, ao que mais nos toca como sujeitos, pois é com nossa subjetividade que lemos, que nos deixamos impactar.

Ao fim de várias leituras e releituras, conversas entre os integrantes da banca e de três encontros com todos os membros da banca julgadora, se definem as redações a serem premiadas. Os temas não são de todo originais, são originais as formas de contar o dia a dia, as imagens evocadas na leitura, o ritmo alcançado.

O trabalho da banca julgadora se sustentou na disposição de pensar critérios que sejam de fato organizadores de leitura, ler atentamente as redações e discutir conjuntamente até chegar a um consenso.

*Milena Dayan Liberman  
Psicanalista e especialista em Medicina Preventiva  
Coordenadora da Banca Julgadora*

## Textos, testemunhos e tecidos

O que nós dizem estas redações? São um conjunto irregular de relatos, experiências e sonhos ou são buraco da fechadura através do qual as vidas se manifestam diante de nossos olhos? São textos. E por causa disso são o resultado de tramas tecidas, pois isso é um texto: linhas que se cruzam e formam de maneira mais ou menos resistente o tecido. A resistência de um pano depende da qualidade das linhas que o formam, ou, às vezes, da força empregada para parti-lo ao meio, ou em partes, formando retalhos. Testemunhos de vida são colchas de retalhos em forma de frases e de versos. Como em *Pequeno Engano*, testemunho lúcido de um tempo que se foi junto com um feijão cozido jogado ao chão por um marido – antes príncipe – embrutecido. A vida nos textos gira e giram nossas impressões diante dos parágrafos que ponteiam o frenético *Gira, Pião, Gira!!!*. Será que nas voltas da vida a vida vai um dia valer a pena ser vivida? E então umas tantas palavras navalham o papel à nossa frente: é o texto *Amor Doemte*. Uma estória com começo, meio e fim. Um fim longo que começa três parágrafos antes: o começo da estória. Estória que se finda numa experiência curta, trágica e que pulsa, pulsa e pulsa. Pulsa tanto quanto nossa sensibilidade ilustrada diante dos ditos “erros” de português. Mas no fim, o que está errado não é o português, é a vida mesmo: os textos nos mostram – gritam – que é a vida que precisa ser reescrita e é um pouco por isso que a gente escreve e lê esta história feita das estórias de tantos.

“Testemunhos de vida são colchas de retalhos em forma de frases e de versos.”

E as poesias? O que são? As poesias são sentimentos organizados em versos. O lamento e as alegrias que formam blocos e que se transformam em construções. O espaço onírico da casa, dos filhos e do casamento feliz vem no emocionante relato *Entre Tapas e Beijos*. Ali o dia a dia é agitado e o olhar de quem descreve é realista e com toques sutis de ironia. O poema *Cotidiano* deu trabalho para nós que o líamos: é poesia ou é prosa, prosa poética ou poesia em prosa? Difícil dizer. Optamos por poesia, frenética, ritmada, otimista, de tirar o fôlego de quem lê e de quem vive: de sol a sol, cama a cama, fogão a fogão. Depois o sonho que é violentado pela realidade vem expresso em *Rebento*, poema feito de silêncios, palavras caladas, cicatrizes esperando serem esquecidas. E lá fora – e lá dentro – o futuro. É esse futuro que queremos construir com nossa ação presente. O ato de ler esses textos é algo corajoso se o fazemos pensando em nossas experiências ou, pelo menos, vendo nos sonhos de muitos muitos de nossos sonhos sendo construídos, destruídos, refeitos, reinventados. Mas principalmente criando espaços para que alguns dos sonhos possam ser possíveis de serem de novo sonhados.

Eduardo Britto  
Pesquisador – Núcleo de Estudos da Violência da USP  
Mestrando em Literatura Alemã da USP  
Comissão Julgadora

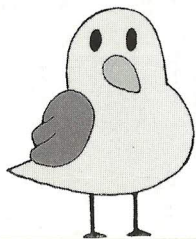
## Por uma história sem violência

A experiência de julgar as redações e escolher as vencedoras foi muito difícil para mim e, ao mesmo tempo, extremamente enriquecedora e gratificante. A cada redação eu ia percebendo um mundo diferente que se abria. Às vezes uma intimidade doída era exposta e eu partilhava com aquelas personagens sua emoção, imaginando as cenas e sentindo vontade de estar lá, naquele momento da estória para, de alguma forma, ajudá-las. Em outras, a emoção era diferente, mesmo que a estória fosse o relato de situações difíceis da vida, era contada com uma autoconfiança que muitas vezes nós mesmos não temos, resultando daí um profundo sentimento de respeito e admiração. Logo comecei a perceber o peso da responsabilidade de julgar trabalhos tão diferentes e igualmente ricos em conteúdo, o que me fez pensar muito acerca de como definir os melhores critérios de escolha. Poder ouvir as percepções dos demais membros da comissão julgadora e discutir opiniões acerca dos trabalhos foi fundamental para encontrar critérios que me deixassem mais seguro. Senti que meus critérios iniciais foram profundamente enriquecidos nesse processo e que o resultado final foi obtido a partir de uma percepção de grupo muito maior do que cada um de nós individualmente poderia produzir. Isso foi o que me deu a sensação de realmente ter feito um bom trabalho, muito embora ainda me reste uma certa tristeza por não poder premiar tantos outros trabalhos, todos eles muito bons.

**"...juntos, nós  
poderemos produzir  
soluções melhores  
para alcançar uma  
sociedade mais justa  
e menos violenta..."**

De toda essa vivência, sinto que essa foi uma experiência realmente transformadora da minha compreensão acerca da violência e acho que precisamos encontrar mais formas de partilhar com a nossa sociedade emoções que inspirem a solidariedade, que nos aproximem mais e nos façam sentir que a dor e a alegria das outras pessoas são nossas também. Certamente, juntos, nós podemos produzir soluções melhores para alcançar uma sociedade mais justa e menos violenta, em todos os sentidos. Parabéns aos organizadores pela iniciativa!

*Joaquim Rodrigues Junior*  
*Capitão - Polícia Militar*  
*Comissão Julgadora*



# Índice

## Poesias

Primeiro Lugar  
**Entre Tapas e Beijos** 16

Segundo Lugar  
**Cotidiano** 19

Terceiro Lugar  
**Rebento** 22

## Prosas

Primeiro Lugar  
**Pequeno Engano** 25

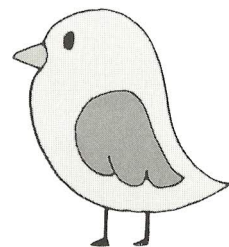
Segundo Lugar  
**Gira, Pião, Gira** 28

Terceiro Lugar  
**Aquela Porta** 31

Terceiro Lugar  
**Amor Doente\*** 34

Menção Honrosa  
**O Desencontro de Airtton e Paulina** 36

Menção Honrosa  
**Luiza** 39



# Entre tapas e beijos

Beija Flor

Poesia:  
Primeiro  
Lugar

Entre tapas e beijos, entre a sogra e a cunhada  
Primeiro descrevo minha casa que fica bem no meio  
De carro saio pela sogra; a pé, pela cunhada  
É um saco morar no meio, queria morar isolada.

Não sou feliz onde moro, sinto que é de favor  
Apesar que para construir dei muito do meu suor  
O terreno é do meu sogro que diz: "Tudo é dos meus netos", isto me dá pavor,  
nenhum neto dei a este Senhor.

Morar no mesmo quintal não é legal, todos acabam fazendo  
parte da sua vida conjugal, dão palpite e interferem  
até deixar nós dois de mal.  
Meu marido é feliz, mora onde sempre quis.  
Vive ao lado do pai, da mãe e do filho, filho do seu primeiro casamento que eu lamento,  
a mãe abandonou-o; dói ver seu sofrimento.

Meu marido é sério, desconfiado mas é um rapaz confiável  
De tudo tem ciúmes, acha que vai ser traído como era de costume  
já fui para ele Miss Fepasa, pois tudo fantasiava quando o trem passava.

Mas faço de tudo para lhe mostrar que comigo poderá contar  
Jamais o trairia, pois sei a dor que sentiria, passamos o dia inteiro fora, ele trabalha  
como metalúrgico, e eu, para o governo, quando cai a noite é que nos vemos.

Além de trabalhar, vendo bingo para ajudar a sustentar  
Tenho um filho, este é do meu frustrado caso do passado





assim fosse dele, seria um grande modelo de pai, para este lindo filho que ele ajuda a educar.

Combinamos em quase tudo, gostamos de animais e plantas, tudo que é natureza aqui em casa é bem aceito Ela coloca vida e enfeita aquilo que está desfeito.

A coisa que não gosto é bancar a empregada, dou a carteira de trabalho para ele, vai ter que registrar e um bom salário me pagar.

Ele ficou doente, e teve que ser internado. Aí conheci como um homem fica abalado, passou por maus momentos que eu quase não aguento. Depois da alta veio como sargento. Eu me sentindo soldado raso tudo tenho que fazer sem atraso Diz que não ligo para ele, acho pouco caso, pois tudo o que faço é um arraso.

Só que tudo tem um limite e o meu chegou ao fim. Aguentar este rapaz está sendo um saco para mim, mas apesar de tudo isto, eu adoro ele, é um cara carinhoso; o que falta nele é parar de ser grosso.

Acho que seria legal em outro lugar morar, morar no que é da gente, e nossa vida levar sem os outros comentar. A família dele é boa mas não devemos misturar, liberdade é uma coisa que eles tem que nos dar.

Tenho certeza, que quando em outra casa morar viveremos a vida, sem se atormentar e nunca mais deixar os outros na nossa vida comandar.

Quem sabe futuramente estarei contando, como é bom ter o que é da gente, contarei a vocês coisas mais contentes.

Autora:

**Maria Helena Eiras**  
Funcionária Pública,  
amigada, 35 anos,  
um filho.



# Cotidiano

## Dolly, a clonada

Poesia  
Segundo  
Lugar

Cinco horas da manhã, acorda, sai da cama, Joana, Andréia, Renata, Sebastiana e Maria que toda casa tem.

Corre pro banho, se apronta, prepara o café, acorda Pedrinho, Thiago, Rodrigo, Gisele, Patrícia, Leozinho, José.

É um que chora, outro esperneia, resmungos, acordar, ninguém quer.

Levanta menino, lava este rosto, escova os dentes, vem tomar café, não suja o uniforme, vai pra escola, que eu vou pro trabalho porque tarde já é. Feche o portão, não fale com estranhos e quando chegar, esquento o almoço, não coma só pão.

Lindaura, Zeferina, Raquel, Severina, Maria que em toda casa tem, sai apressada, já está atrasada, e, mesmo lotada, tem que entrar na condução.

É um que aperta, outro que empurra, todos com a mesma pressa de chegar.

O trânsito parado. Ai, me esqueci de deixar o dinheiro do pão.

E a condução que lota, o trânsito lento, a Ritinha tirou nota baixa, do Cláudio veio reclamação, quando chegar, não posso me esquecer de ver a lição.

O trânsito lento, o relógio não pára, o que vou dizer pro patrão.

Chega apressada, começa o serviço, pensamento em casa, tadinha da Marisa, tão gripadinha, foi para escola, também, deixar com quem?

E o dia que passa, a hora que chega de para casa voltar.

Condução que demora, lotada já vem, entra mais um, desce ninguém.

Tem que passar no mercado, comprar a mistura, que em casa não tem.

Chega Jurema, Cibele, Mônica, Margarete, Rejane, Gildete e Maria que toda casa tem.

Entra recolhendo roupas do varal, chama Carlinhos, belisca Alexandre, que empurrou a Carol. Deixa a roupa de molho, vai pro fogão, Filó, Ana, Juninho tem que fazer a lição.

Selma machucou o dedo na porta, Jacira cortou o pé, Ricardo caiu da bicicleta...

Mas menino, você subiu naquele caco velho pra quê?

Toninho, olhe o arroz, mexe o feijão.

E Cleide, varre a cozinha, Joel sai de perto do fogão.

Crianças, vocês precisam me ajudar, porque sozinha não dou conta não.



Perdeu o lápis, o caderno acabou, a calça está curta, o tênis furou, quer o brinquedo que viu na TV, menina quer dinheiro pra quê?  
Quer que eu faça bolo a esta hora?  
Tão lindinho, caiu o dentinho. Vem cá me dá um beijinho, te faço carinho, mas fica bonzinho.  
A Marina está namorando? Quem é o menino, faz o quê?  
Meu Deus é criança crescendo e a gente perdendo de ver.  
Vem pra mesa, o jantar está pronto. Fecha esta boca, come direito, mastiga devagar, não vi ninguém as mãos lavar.  
O quê, reunião na escola, mas a que hora será? Não sei se vai dar.  
Tão bonitinhos, me falem um pouquinho do dia de vocês, eu lavo a louça, Clarinha enxuga, a gente conversa, mas fala um de cada vez.  
Regina, deixa o Romualdo acabar de falar.  
Nossa, é mesmo, que legal, que absurdo, você fez isto?  
Solange arrume a roupa de amanhã. Lucas, põe o material na mochila. Tá bom se o dinheiro der, amanhã eu compro.  
Cadê seu pai?  
Tá bom, tá bom, vão dormir, vou passar esta roupa.  
Aparecida, Delta, Sueli, Carmelita e Maria que toda família uma tem, vão para a cama.  
O relógio não pára, já são meia-noite e meia, uma hora da manhã. E quando deita..., o marido...quer.  
Olha pro marido, olha pro relógio.  
Mas sabe como homem é.  
Tá bom...,...,ih! Me esqueci do remédio da Marli...  
Acabou..., o marido pro lado já virou, e dormiu. Deixou feito um nenê.  
O sono chega.  
E o relógio, o relógio.  
São cinco horas da manhã.  
Acorda, sai da cama, Lúcia, Nina, Ester, Roseli, Silvia, Helena, Carmem, Ruth, Nair, Matilde, Cecília, Cássia, Heloísa, Beatriz, Simone e, Maria que toda família uma tem.

Autora:

**Yessame Corrêa**

Aux. de Enfermagem,  
casada, 39 anos,  
três filhos.





# Rebento

Bibian

Poesia  
Terceiro  
Lugar

Lembro-me da infância  
Casa cheia  
Cheiro de mato  
Comida no fogão a lenha

Muitos abraços  
De repente uma discussão...  
De onde vem para onde vai  
Gritos, sussuros, murmúrios,  
Desunião,

Todos juntos, mas em lugar nenhum  
Cada um em seu mundo  
Com seu orgulho e sua traição,  
E eu aqui um mero espectador...

Porque começou  
Ninguém sabe dizer  
A voz se cala  
O silêncio tange,

Surgem feridas...  
Feridas nas mãos e no coração,  
Feridas estas que doem sem cessar,  
Cuida-se muito...  
E nunca cicatrizam.



A casca formada engana a todos,  
Menos a mim que sofre a lembrança  
Lembrança esta quase apagada,  
Memória fraca, fotos desbotadas  
Da minha infância

Infância que absorve o mundo,  
Anseia por satisfação  
A satisfação de ver meus pais felizes,  
Companheiros de estação

Estação branda  
Impregnada de eternidade  
Pena que cessa  
Acaba tão rápido.

Que hoje acredito  
Não era para mim,  
É para os outros

A vida me chega por desencontro  
Acabo criando e copiando,  
A relação que desprezei

Desprezar é pouco  
Renego por bem da verdade  
Verdade esta que carrego comigo,  
No meu discurso, no meu sorriso.

Vejo o futuro  
Como um amigo, um irmão,  
Que cala e acalenta  
Meu coração.

Autora:

**Vivian Galvão**  
Estudante de  
Psicologia - PUC  
23 anos, solteira,  
sem filhos.





# Pequeno Engano

Silvia Godoy

Prosa  
Primeiro  
Lugar

O casamento foi um momento especial. Depois de dois anos de namoro comportado na sala, eu sabia que ele era o homem da minha vida. O vestido, emprestado da prima, chegou numa caixa florida; o churrasco, feito com uma vaquinha entre os cunhados, esfumagou toda rua; o bolo foi presente da vizinha doceira, que também trouxe salgadinhos; as bebidas, por conta do noivo.

Eu, a noiva, entrei só com o sonho: ser feliz com aquele que disse ao padre me honrar e estar comigo na saúde e na doença, na alegria e na tristeza. A promessa, feita diante do altar improvisado (uma mesa e a melhor toalha) no quintal, meses depois foi quebrada.

Era uma sexta-feira. Grávida do primeiro filho, eu o esperava para jantar quando ouvi o portão bater com força. De repente, meu galã se transformou no bandido do meu filme. Ele chegou com os olhos vermelhos. Achei até que tivesse levado uma surra, talvez num assalto, mas estava totalmente bêbado. Não consegui brigar, estava feliz por tê-lo comigo, já que eu só o tinha visto de manhã e desejava namorar um pouco para matar a saudade. A semana era muito pesada para nós.

Chegou gritando e perguntando pela égua. E descobri com muita dor que a égua era eu.

Quando fui perguntar o que tinha acontecido, ele esbarrou numa panela quente e derrubou todo o feijão no chão. De raiva, me bateu, inaugurando um ciclo de pesadelos.

O mundo deu voltas na minha cabeça. Sentada no chão e apoiada na cadeira, eu não ouvia o que ele falava. Apenas constatava, da forma mais cruel possível, que seu olhar era o mesmo que eu via nas crises de ciúme do nosso tempo de namoro. A diferença é que naquela época eu tinha a esperança de que, ao me casar, conseguiria mudar a situação com o tempo. Afinal, a volta acontecia sempre com beijos e pedidos de perdão. Agora, casada, começa a perder todos os meus sonhos junto com aquele feijão.

Durante dois anos, tentei de tudo. A família dele me dava toda a razão, mas na hora das brigas, dizia que não poderia se meter. Eles moravam ao nosso lado e observavam tudo o que eu fazia. E eu, com medo, raiva e pedindo a Deus uma solução, criava coragem para cuidar do meu filho.

Comecei a me interessar por um curso de panificação e confeitaria, um trabalho que eu admirava desde criança, e dei um jeito de fazer escondida dele. Não que ele tivesse proibido. Eu tinha medo que proibisse. Aos sábados, enquanto ele bebia, deixava meu filho na casa de minha mãe e fazia o curso. Vendi os presentes de casamento, fiz faxinas, arriscava tudo para continuar pagando as mensalidades. Foram seis meses e logo tive a proposta de trabalhar numa padaria que uns colegas estavam abrindo. Era bem pequena, mas caiu do céu. Mudei de emprego sem que ele soubesse. Consegui alugar um quarto e comprei aos poucos uma cama, um fogão de duas bocas, um pequeno botijão e um rádio de pilha. Numa madrugada, peguei alguns objetos, 18 boletins de ocorrência, meu filho e fui diretamente para lá. Era bem longe de onde eu morava. Meus colegas me ajudaram e logo fui trabalhar em outro lugar, uma doceria.

Fiquei meses fugindo de todos e passei por muitas pensões.

Um dia, tive que enfrentá-lo na Justiça, e tomei calmante pela primeira vez na vida. Sempre tremendo, eu o enfrentei em todas as etapas, quase perdi meu filho, e luto por isso com todas as gotas de sangue que me mantêm de pé. Fui humilhada por sua família, mas nunca me abati. Hoje, meu filho vai vê-lo em datas determinadas na casa de minha sogra, acompanhado sempre de duas pessoas de minha confiança.

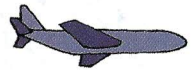
Estranho que toda essa correria foi feita com uma determinação além de mim. Acho que quando saí da minha casa, na verdade me libertei do meu sonho, um sonho de menina, de príncipe, que ficou difícil de manter com tantas pancadas na cabeça. Um dia, quero dizer a ele que já o perdoei, e mal entendo como posso sentir pena ainda.

Daquele tempo, só me resta uma foto de nós dois, tirada ao lado do grande bolo branco com noivinhos e flores em cima. Às vezes olho, às vezes choro, sinto dor pela pessoa que eu era e logo devolvo à gaveta. Afinal, se um dia meu casamento existiu, foi apenas naquela imagem.

Autora:

**Silvia Cychinigff**  
Jornalista, casada,  
38 anos, sem filhos.





# Gira, Pião, Gira

Antonia

Prosa  
Segundo  
Lugar

Televisor ligado, programação da madrugada, com um pastor orando (ou será que passava algum filme de sacanagem?? Quem se importa?)... os olhos de Antonia abertos, olhavam para o vazio, vazio que sentia dentro e fora dela. Esta não era a primeira vez, mas ela rezava para que fosse a última... a última noite que ficasse sozinha, esperando que seu companheiro, cada dia menos companheiro, chegasse... O problema era que isto vinha se repetindo há anos, ele não se lembrava mais de voltar para casa, da família e, principalmente, não tinha mais os olhos quentes quando olhava para ela...

Antonia foi lembrando-se da primeira vez que esperara por ele, fazia muito calor naquela noite, pensara que pudesse ter acontecido alguma coisa, mas felizmente (ou será infelizmente? - este pensamento sempre a confundia, passando como uma seta pontiaguda e rápida... Felizmente, sim!) ele chegara bem, havia bebido e ficou muito irritado quando viu que ela esperava por ele, discutiram e ele acabou lhe dando um tapa!

Neste instante, como se uma máquina girasse o tempo, Antonia se viu transportada para o passado, não o Passaaado, mas para um passadinho, minúsculo, como minúscula recordação, de minúscula vida...

Antonia se via, agora, em uma sala simples, pequena, com 6 anos de idade, algumas pessoas, um certo "clima", que seu pequeno corpo não conseguia sustentar... Estava sentada no colo de alguém, enquanto sua mãe tratava com a avó os cuidados que teriam com ela. Acontece que a mãe iria começar a trabalhar para ajudar no orçamento da casa, o pai não conseguia parar em emprego e ainda havia outros 3 filhos. A mãe, mesmo a contragosto do pai, arrumara um serviço como costureira, os irmãos de Antonia eram um pouco mais velhos, já estavam na escola e poderiam se virar, mas Antonia era menor, iria morar com a avó e viria para casa aos finais de semana... estavam tratando sobre isto; aquelas pessoas. Ela observava tudo feliz - gostava muito da avó, tinha um quintal muito grande onde poderia se esbaldar de correr e brincar, além disso a avó a mimava, trazia doces - não via a hora de ir!

Foi neste instante que viu surgir na sua frente o pai, vindo do quarto onde estivera todo este tempo, atravessou a sala com seu passo duro, foi até sua mãe e deu-lhe um



tapa! A cabeça da pequena Antonia girou como um pião... A mãe gritava, berrava, dizia à todos que "isto" era sua vida, batia a cabeça na parede e gritava que queria morrer... Gira, pião, gira!!! Alguém olhou para Antonia... Gira, pião, gira!!! "Tira ela daqui, está branca", ... Gira, pião, gira!!!...

Tiraram ela da cena, mas a cena já havia se instaurado dentro dela, em suas entranhas... Quanto ódio de seu pai, quanto ódio de sua mãe por continuar com ele...

No momento do tapa que lhe dera seu companheiro, ela lembrou-se de seu pai, de sua mãe, de sua própria história... Gira, pião, gira!!!

Gostava daquele homem, que era amoroso quando não bebia, mas depois daquele primeiro tapa, vieram muitos outros... ela se via como sua mãe, não conseguia sair daquilo... depois dos tapas, vieram chutes, socos... os olhos frios, a idade, a falta de força para recomeçar...

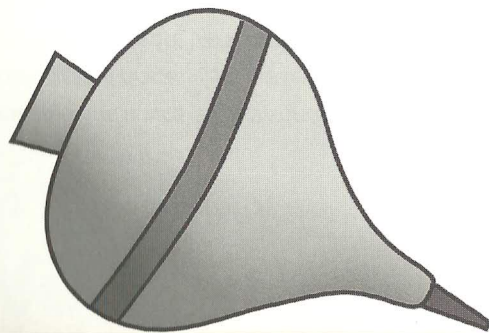
Sentada, na mesma posição, esperando, esperando...

Fecha os olhos, pensa na mãe, pede forças para Deus... levanta-se, desliga a televisão, vai dormir. Amanhã, com certeza, vai embora, vai acabar com esta situação!!!

Pára, pião, pára!!!

Autora:

**Joelma Viggiano**  
Psicóloga, solteira,  
34 anos, sem filhos.





# Aquela Porta

Lú Leão

Prosa  
Terceiro  
Lugar

Eu olhava aquela porta como se fosse uma caixa mágica ou um baú encantado, que modificaria a minha vida num segundo, assim que se abrisse.

A porta do nosso pequeno barraco, na verdade, era um amontoado de ripas de madeira, retiradas de caixotes de verdura, que com todas as suas frestas, deixava passar tanto frio e chuva, que foi coberta com alguns sacos de supermercado, na tentativa de diminuir os rigores do tempo.

Mas, por mais que eu a observasse, não conseguiria ver simplesmente uma porta. Era como a lareira na Noite de Natal, por cuja chaminé o Papai Noel desceria - como eu vira tantas vezes acontecer nos filmes e desenhos ou, ao mesmo tempo, a enorme boca de um monstro horripilante, como aqueles dos filmes de terror, dos quais eu sempre tive tanto medo, mas sempre teimei em assistir escondido, de madrugada, pra depois quase fazer xixi na cama, de tanto medo de levantar.

Aquela porta... Quando ela se abrisse...

Poderia entrar um verdadeiro herói. Algo, assim, como o Super Homem, com todos os seus poderes ou o Batman, muito inteligente, super esperto.

José Laudevino Teixeira, sim, esse é o nome dele. Há quatro anos, quando ele foi embora à procura de um emprego, prometeu que voltava no dia do meu décimo aniversário. Prometeu que voltaria com um emprego, casa para nós morarmos e, o mais importante, com uma camisa da Seleção Brasileira, novinha, só para mim.

É verdade que meu pai, às vezes, ficava um pouco nervoso, brigava com a minha mãe e até comigo, mas isso porque ele já estava desempregado há muito tempo. Ele sempre ficava procurando trabalho até tarde da noite e chegava em casa que não se aguentava em pé de tão cansado. Minha mãe tinha que ajudá-lo a chegar até a cama e nem entendia como ele estava cansado. Minha mãe não entendia e ainda brigava com ele.

É claro que nervoso e cansado, ele acabava dando uns "tapinhas" nela e, às vezes, até em mim, se eu não ficasse quieto. Mas ele não fazia por mal! Ele gostava da nossa casa e de nós, porque dizia que nunca largaria aquela boa vida.

Meu pai era forte e com muitos amigos. Às vezes, quando ele ia sair para procurar emprego, vinham os policiais, amigos dele, para dar uma carona.

Meu pai! Puxa, há quanto tempo eu o espero.

Tão ocupado que ele sempre esteve, nunca podia jogar comigo, empinar pipa ou ver um jogão no estádio. Mas, assim que ele voltar, faremos tudo isso e muito mais.

Aquela porta...

Mas, e se viesse o "outro"? Tal possibilidade me deixa, simplesmente, aterrorizado!

Zecão, o Azeitona, veio morar aqui em casa logo que meu pai foi embora. Todo mundo diz que ele é dono do negócio, aqui no morro. Mas ainda não consegui descobrir que negócio é esse. Só sei que todo mundo por aqui, morre de medo dele. É só falar em Zecão "Azeitona" pro povo tremer todinho.

O Zecão sempre nos tratou bem aqui em casa e nunca nos deixou faltar nada, mas mesmo assim, como todo mundo, sempre tive muito medo dele. Eu poderia dizer que o que me assusta são aqueles sujeitos esquisitos, mal encarados, que estão sempre andando com ele, mas o que me apavora mesmo é sua risada, aquela gargalhada esquisita que ele dá e que faz meu sangue gelar. Também não gosto da mania que ele tem de me chamar de "Meu Filho". Puxa vida! Ele já não sabe que eu tenho pai e que estou esperando por ele?

Apesar de ser durão, sempre impondo respeito no morro, o Zecão teve que dar uma "sumida". Não avisou onde ia, nem quanto tempo iria ficar fora. Saiu no meio da noite, apressado, mas confesso que fiquei aliviado! Aquele homem enorme me causava arrepios.

Mas, é bem verdade que a saída dele nos deixou numa situação ruim. Mesmo com a minha mãe trabalhando muito, nem sempre temos comida em casa.

Mas, aquela porta...

Meu coração quase salta à boca quando o vento bate, fazendo com que aqueles saquinhos de supermercado balancem, fazendo parecer que a porta está se abrindo. A meu ver, a porta se abre a todo o momento. Agora mesmo, ela está se abrindo...

Meu Deus, a porta está se abrindo de verdade! E meu futuro está entrando por aquela porta...

Autora:

**Ana Lúcia**

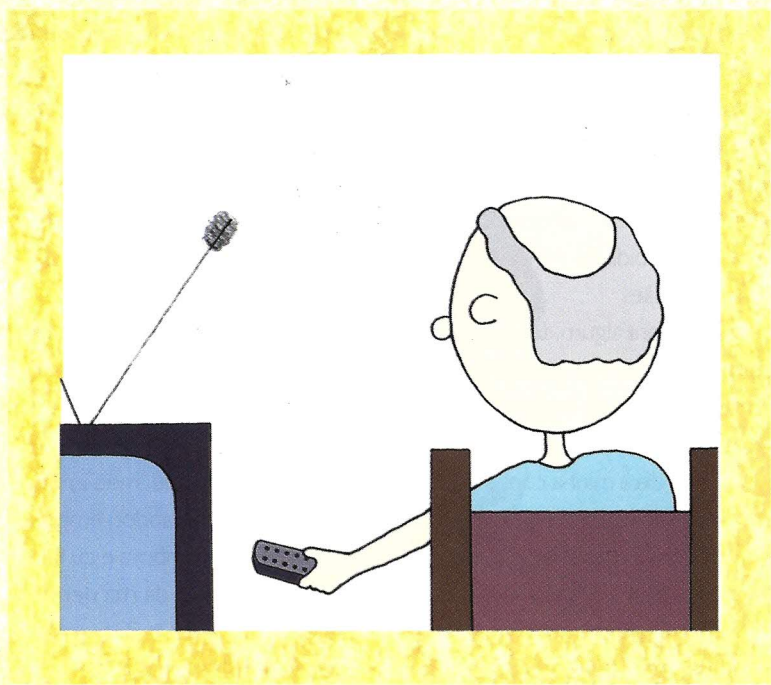
**Fernandes Amaral**

Professora, separada,

35 anos, sem filhos.







# Amor Doemte\*

Prosa  
Terceiro  
Lugar

Um amor doente foi o que eu tive durante toda a minha vida desde quando eu fui forçada a fazer o que eu não queria. Primeiro comesou quando eu tinha 14 anos eu fui morar na casa do meu irmão um dia, minha cuniada saiu para trabalhar e eu fiquei em casa com o meu sobrinho e meu irmau e aí, eu, fui para o carto trocar a minha roupa, ele foi atras, de mim e eu mui inosemte, fiquei asustada e eu pergumtei o que ele queria e ele não falou nada foi me agarrando tirou minha roupa e comesou passar a mão pelas partes íntimas do meu corpo e depoi ele manteu relasóis xequisoal comigo isso foi acomtesedo duramte ums 4 a 5 meses quando a minha cunhada estava trabalido, eu não falava nada mas minha coida descomfiada pois ele não me deicha eu sair e nem, ir, ebora para a casa da minha mãe.

Bom durant algum, tepo eu tinha medo de ir para a casa da mãe pois minha mãe era sosinha e não tinha trabalho para me manter sozinha e eu ficava com medo de ficar com fome em casa pois as veses nos, eu e mais nosso 2 ermaus ficavamo, ate um semana, comedo, só polente e agua em casa.

Mas um dia a minha conhada perguntou se era verdade que, meu irmau teria trasado comigo e ele reponde que, sim, quera verdade e éla me mandou embora eu já estava gravida com 3 meses de gravides minha ma me madou ir embora e eu fui e eu tive meu filisosinha com 15 anos mas, grasas a deu eu consegi sair, da rua depos de ter gaido meu filio. O qe eu tenho muto orgulio dele ele tem 8 anos.

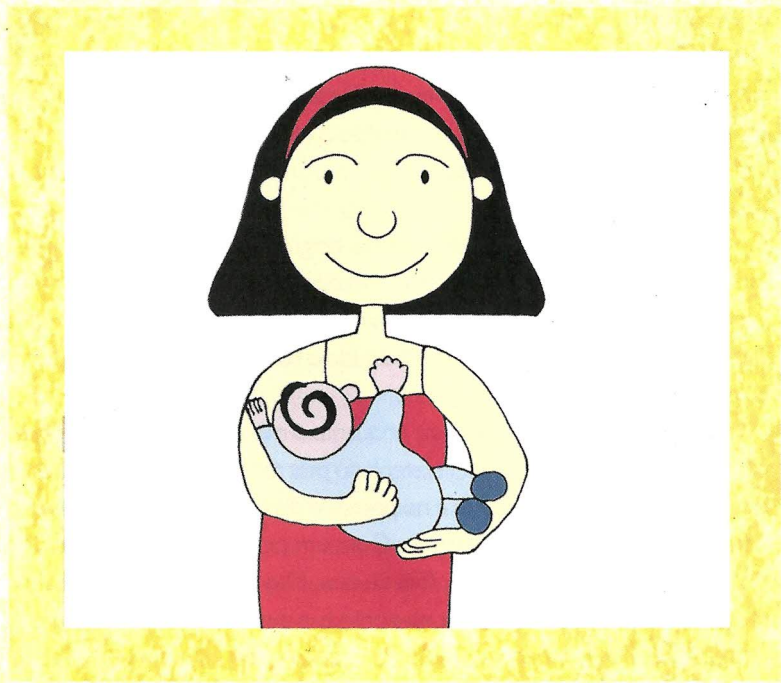
Apesar de já temos, pasa por, muitas outra violensis somos felizes.

Autora:

**Norma Regina Braga**

*\* Esta é a versão original do texto, reproduzida sem qualquer revisão ortográfica. Considerou-se que uma revisão alteraria o estilo e o impacto do texto.*





# O Desencontro de Airton e Paulina

Galeano

Prosa  
Menção  
Honrosa

Certo dia, uma jovem de 15 anos saiu para ir ao baile de carnaval. Dançou, bebeu, fez novas amizades, enfim, curtiu a noite carnavalesca da melhor forma que um(a) jovem podia curtir.

No momento de se despedir, ela conheceu o primo de uma de suas colegas. Seu nome era Airton, aparentemente um rapaz tranqüilo, de boa aparência e, acima de tudo, muito simpático. Eles se conheceram e se apresentaram. Ela lhe disse seu nome:

- Meu nome é Paulina, e o seu?

- Meu nome é Airton

E daí conversaram e resolveram se afastar do grupo. Então rolou um clima e aconteceu... Um ano depois nasceu Paulo Airton, filho dessa relação amorosa que até então estava um "love" só. Certa vez, Paulina e Airton viram-se diante de uma situação quase desesperadora. Airton estava desempregado e Paulo Airton estava ficando sem alimento, o mesmo acontecendo com o casal.

Paulina sugeriu que ela trabalhasse enquanto o marido estivesse desempregado. Airton não gostou muito da idéia de ser sustentado pela mulher, mas Paulina estava determinada e saiu a procura de um trabalho e no primeiro dia conseguiu. Toda feliz voltou para casa para contar a novidade pro marido. Com um orgulho infantil, Airton desconfiara da possibilidade da mulher trabalhar fora de casa. Mas não a proibiu de trabalhar. Até alguns meses depois, ele ainda a levava no ponto e ia buscar todo dia.

Certa vez, Paulina não veio no ônibus que Airton estava a recebê-la. Airton ficou desconfiado e com o pressentimento de que alguma coisa boa não estava acontecendo. Às 17:45 h., Paulina chegou, após 45 minutos de atraso com relação aos meses anteriores. Airton foi logo perguntando porque Paulina havia chegado naquela hora, segurando-a pelo braço.

- Meu amor, eu fiquei presa num engarrafamento tremendo, disse Paulina, e...

Airton parecia estar inconformado com a idéia da mulher ter que sustentar a ele e ao filho, e decide impedi-la de trabalhar para cuidar dos afazeres da casa. Paulina não gosta da idéia e não atende ao pedido do marido.



No mês seguinte, Paulina recebe um aumento salarial. Tudo parece ter voltado ao normal, até que certo dia Paulina não veio no horário esperado. Novamente pelo mesmo motivo: engarramento. Desta vez Airton não espera no ponto e, em casa, sem conversar e deixar a mulher se explicar, ele pergunta com quem ela havia passado a tarde e a chama de vagabunda! E ainda lhe diz que lugar de mulher é na cozinha. As ofensas continuam, até que Paulina, chorando diz que ele é um grosso e um estúpido e ele, numa atitude impensada e irresponsável, agride Paulina que, sem defesa, começa a gritar por socorro juntamente com Paulo Airton que não parava de chorar.

Passaram alguns dias e Paulina resolveu ir para a casa da mãe junto com o filho, no Rio Grande do Sul, e largou Airton para trás e todas as coisas ruins que haviam acontecido.

Sete anos mais tarde, Paulo Airton, já com 8 anos, pergunta para a mãe quem é o pai. Ela desconversa, mas não evita falar para a curiosa criança que seu pai mora no Rio de Janeiro e que estão separados por motivos que uma criança nessa idade não vai entender.

Paulina hoje vive sozinha e tem medo de viver novamente aquele momento inesquecível em sua vida. Talvez, algum dia encontre alguém que saiba respeitar os direitos femininos. Quanto ao seu filho, ela diz a ele que se ele soubesse o que realmente aconteceu no passado ele não iria gostar de ter esse nome após o nascimento.

- É esse o nome do meu pai? Pergunta o garoto

- Sim, meu filho, é esse o nome de seu pai.

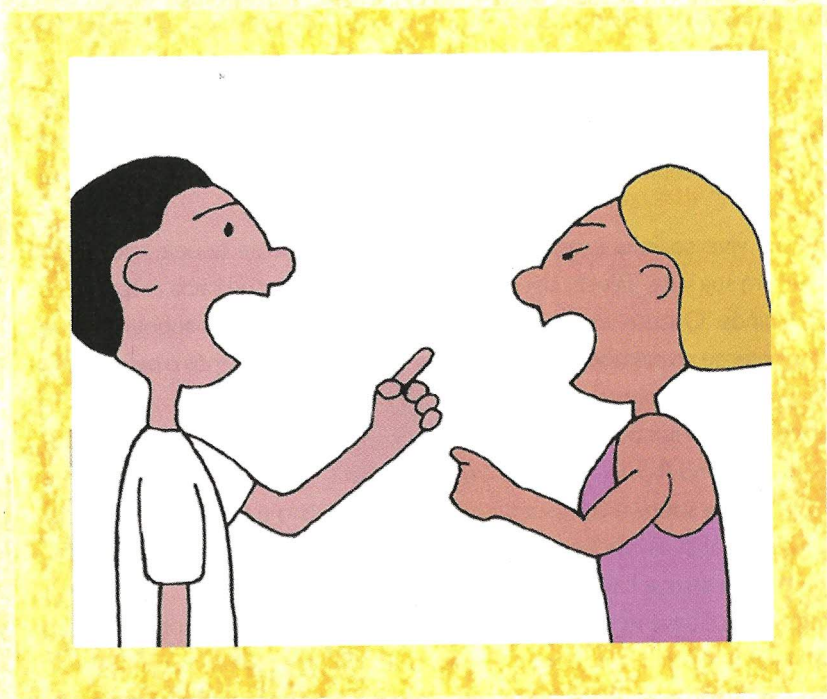
Hoje, Airton vive no Rio. É casado, tem mais uma filha, e participa de um grupo de homens que reflete sobre o cotidiano feminino e masculino e fala sobre violência, traição e quais os motivos que levam um homem a agredir uma mulher e, chorando, diz-se arrependido do que havia feito nove anos atrás.

Com certeza você deve ter se encaixado em algum destes acontecimentos, mas não podemos negar que tanto nós, homens, quanto as mulheres estamos cercados de ciúmes, desconfianças do parceiro(a), discussões no relacionamento. Enfim, uma porção de coisas e motivos que nos fazem perder a cabeça.

Quer saber. Quando você discutir, brigar, sentir ciúmes, estiver desconfiado do parceiro(a), procure conversar, dialogar, dar a volta por cima, esfriar a cabeça. Converse com seu amigo(a) e nunca agrida, nem com palavras. Pintou desentendimento, DIGA NÃO À VIOLÊNCIA e vamos torcer para que nem eu, nem você, nem nossos filhos tenham a visão da violência como uma saída para resolver nossos problemas e de quem está a nosso redor.

Autor:

**Valdeci de Oliveira Silvério**  
Estudante, 18 anos,  
solteiro, morador da  
periferia do Rio de  
Janeiro.



# Luiza

Drica Wolfie

Prosa  
Menção  
Honrosa

## Cena Um

Vou procurar um advogado hoje mesmo. Não, não... melhor advogada. Mulher é mais compreensiva. Menstrua, sente dores e sabe o que é ter um homem como o empiastro que tenho em casa. Lista telefônica, hum... será que a Marcinha conhece alguém?

- Alô, Marcinha? Tudo bem?

- Tudo Luiza e você?

- Sabe como é né Marcinha... o Paulo... Encheu a cara de cocaína e a minha cara de porrada.

- Tá maluca menina?! Larga desse lixo de uma vez!

- E o que é que eu faço com as crianças? Ele é louco, mas as crianças adoram ele. E, depois, com o meu emprego de m... não dá nem pra morar debaixo da ponte da Av. S. João.

- Você fez um boletim de ocorrência? Quer que eu vá com você na Delegacia das Mulheres, Luiza?

- Tenho medo...

- Do quê?

- De apanhar de novo...

- Como assim Lú?

- A delegacia vai chamar o Paulo pra depor e aí? Ele volta pra casa e me soca de novo?

Nem pensar Marcinha...

Prantos da Luiza. Constrangimento da Marcinha.

- Luiza. Calma. Vamos almoçar juntas e conversamos com mais calma, tudo bem?

- Tá bom, Marcinha.

## Cena Dois

Manhã cinzenta.

Ana vai a pé para o escritório.

Uma mulher de meia idade. Vivida. Muitos casos pessoais. Solteira. Conhece o ser humano (?) da espécie masculina e sabe quando um cara não presta.

Advogada. Atua na área de família. Já viu o diabo. E o paraíso para ela é estar com amigos, dar muita risada, música, festa, dançar, beber, cantar e quando encontra alguém interessante... aproveitar o que seu corpo tem para desfrutar e oferecer (ainda). Férias é uma palavra riscada de seu dicionário. Mesmo assim mantém um ar divertido com um sabor amargo e doce.

Ela é engraçada, confusa e honesta. Uma advogada que não sabe mentir para um cliente. O que é: é. Advogar é ganhar, perder ou fazer acordo. E ela sempre trabalha pelo acordo, briga pelo acordo, porque sabe que o desgaste na área da Família é muito grande. Os dois se desgastam, desgastam os filhos, quem está em volta.

### Cena Três

- Alô. Boa Tarde. Por favor, a Dr<sup>a</sup>. Ana está?
- Pois não. É ela quem fala.
- Dr<sup>a</sup>. Ana, meu nome é Luiza. Quem me indicou a senhora foi a Márcia Pedrosa.
- Ah... a Márcia. Muito prazer Luiza. O que posso fazer para ajudá-la?
- Bem... Dr<sup>a</sup>...é o meu marido... não estou aguentando mais continuar com ele.
- O. k. Você quer marcar uma consulta, Luiza, para conversarmos a respeito do assunto?
- Sim.
- Deixe-me ver a agenda. Segunda que vem às 10:00hs.?
- Tudo bem, Dr<sup>a</sup>.. Aonde fica seu escritório?
- Fica na Av. Brigadeiro Luís Antônio, 2050, 8º andar, cj. 8-A.
- Combinado, Dr<sup>a</sup>.
- Obrigada Luiza. Até segunda. E mande um abraço para a Marcinha. Até lá.

### Cena Quatro

Estou ansiosa. E se o Paulo desconfiar ... ai, meu Deus, por favor me ajuda. Não sei mais o que fazer...Tudo bem, Deus, sou culpada? Talvez... quem mandou eu não ter cabeça e me meter com um cara que não tem o menor controle.

Mas a paixão é um descontrole. Não dá para mandar: pára de gostar e agora gosta. Gente não é cachorro que é só treinar pra pegar o osso que o bicho sai correndo... Tá certo que tudo que é homem é treinado para pegar mulher assim, que nem cachorro...





é só ver uma bundinha arrebitada e pronto, vira cachorro atrás de osso... Ops, desculpe Deus, mas o Senhor é o responsável.

Enfim, Deus, eu também perdi o controle junto com o Paulo. Mas estávamos sozinhos. As crianças não existiam. Era legal. Nós dois juntos, livres e loucos. Ele tocando e cantando na noite e eu vibrando em todos os sentidos. Uau! Paixão da braba. Ah.. tô falando o quê? O Senhor sempre esteve vendo a sacanagem toda! Olha, com todo o respeito, mas o Senhor deve ter um toque de voier, né não? Onipresente, Onisciente e Onipotente... Um dia o Senhor me ensina só o lance do "presente"? Não precisa ser um "oni" só quero estar presente nas coisas ou não fazer besteira por não prestar atenção, sei lá...

Bom, Deus, o negócio é que eu ficava torcendo para o Paulo se dar bem, realizado como músico e como homem. Claro que como homem fui egoísta e achei que ele só podia se realizar comigo....toda mulher pensa assim...Loucos e lindos...nós dois éramos deliciosos. Ainda somos quando ele fica, de vez em quando, normal.

Depois que o Bruninho nasceu...é ... na verdade foi depois da Luana, eu parei com a cocaína e com os lisérgicos, que às vezes apareciam... Cá entre nós Deus, até hoje não sei se foi a melhor decisão. Ter filhos e fazê-los encarar uma família desequilibrada, com um pai drogado e uma mãe insegura. Pra quê? Mas, por outro lado, até hoje não sei como consegui largar. Acho que foi um super milagrezinho encomendado pelo Senhor né? Olha aí, Deus! Tô aqui falando com Você e entregando toda essa esbórnia ... consigo rir, que bom... Sabe Deus, o problema é que, não sei por quê e nem para quê, abri mão de uma vida regrada, certinha, do jeito que meus pais construíram para mim, para encarar relacionamentos instáveis. Moleques ao invés de homens. Eternos adolescentes ao invés de homens. Tenho culpa? Também sempre fui adolescente. Uma menina abortando filhos para não encarar a bronca. Não sei... culpa por querer viver de um jeito esquisito para os padrões? Só cresci quando decidi ter a gravidez completa. Mas não me sinto mulher por isso. Não sinto que fiz alguma coisa na qualidade de Mulher. Não seduzi o meu próprio marido para ser sério ou para ser homem. Seduzir e transar é fácil. Ainda sou bonita... perdão pela ausência de modéstia, mas foi o Senhor que me fez assim, Deus... Hoje quero um homem e um amigo. A velha estória. Paixão, quem sabe, se o Paulo se acalmar e se curar, eu consiga pôr lenha na fogueira e reacender as brasas... Amor? Não sei se o que sinto é amor. Hoje sinto confusão e tristeza. Culpa... acho que nem preciso tê-la... já estou pagando o preço do que eu mesma fiz para minha vida.



Como será que se faz para ficar atenta ao que fazer na hora certa? Precisa haver um modo de descobrir a essência do equilíbrio ... olha Deus, não quero ser hipócrita, porque afinal só lembro que Você existe quando estou na pior, então é o seguinte: o Senhor deve estar cansado de gingle silencioso dos humanos pedindo "aquela luzinha no fim do túnel" ... sabe qual é? Por favor me ajuda...

## Cena Cinco

Ana e Luiza se encontram. E como se encontram. Nenhuma das duas foi apresentada pelo sobrenome. Não podiam adivinhar que cada uma era Ana e Luiza, duas grandes amigas de infância. Eufóricas davam gritinhos, riam, falavam ao mesmo tempo, como convém a duas mulheres juntas e, a certa altura, Luiza se pôs a chorar. Uma catarse para ambas. Ana retomou o controle e:

- Conta Luiza, com calma, o que está acontecendo com você.

E Luiza relata todo o seu drama. Conta a sua vida para Ana. Suas loucuras. As drogas.

- Luiza, como advogada, vou aconselhar você a fazer um B.O. (boletim de ocorrência) se ele te bater de novo, com exame de corpo de delito. Você ainda está com marcas?

- Não. Ele me deu um soco no estômago e um tapa na cara. Me pegou pelos cabelos e gritou tanto que desmaiei. Achei que ele fosse me escalar de tanto que puxava os cabelos. Quando acordei, vomitei muito. No rosto, olha só, tem um vergãozinho. Não dá nem pra ver.

- Te pergunto, Luiza: você gosta desse homem? Ele tem condições de ser orientado por alguém, um amigo que ele ouça para ser internado?

- Gostar dele eu gosto, Ana. Mas não consigo mais sobreviver às brigas e à violência. Quanto a ele ter amigos... nenhum presta. Acho que só o irmão dele, que mora no interior, talvez pudesse ajudar.

- Posso conversar com ele para tentarmos um acordo.

- Ana, ele não raciocina mais. Só vocifera. Não tem conversa. Não tem acordo.

- Bem, se não há tentativa de acordo... Vamos radicalizar. Não gosto disso. Mas não tem jeito. Se você quiser se separar para valer, pegue as crianças e vá para a casa de seus pais, qualquer lugar onde você possa se sentir segura. E simultaneamente entramos com uma medida cautelar e separação de corpos. E aí, esteja preparada para o litígio ou briga judicial. Quem sabe, apesar da ação nós consigamos fazer um acordo, isso não é impossível.

- Ana, posso pensar a respeito?



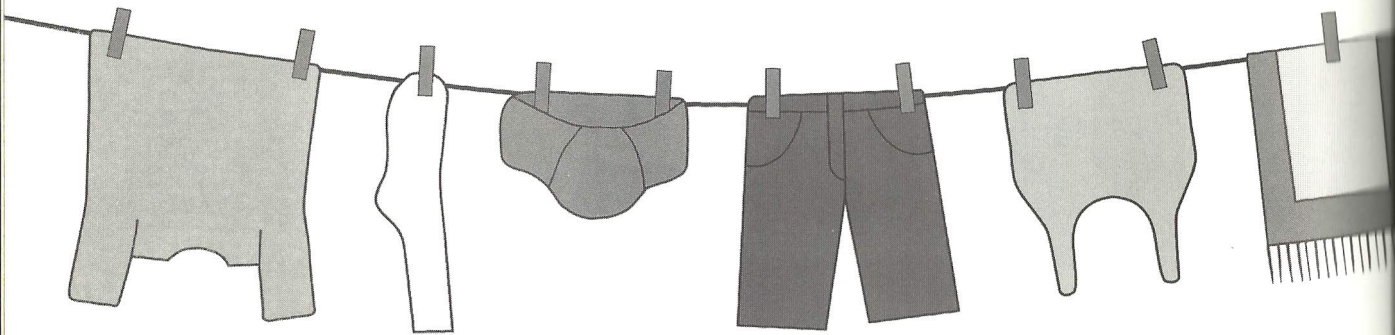
- Pense, decida e me procure. Independente disso, estou a sua disposição, a qualquer hora.

As duas se despediram. Luiza não voltou mais ao escritório de Ana. Depois de alguns meses, Ana tentou entrar em contato por diversas vezes, preocupada com a amiga. Ninguém atendia. Lembrou da Márcia e ligou para ela, perguntando se sabia do paradeiro da amiga. Márcia, respondeu cínica e rindo: "Mande a Luiza te procurar para me livrar dela. Não aguentava mais ouvir a mesma ladainha. Nunca mais quis falar com ela. A última vez que ela me ligou faz uns três meses, mas não atendi". Ana, desligou o telefone, aterrada com o comentário de Márcia. E olhando para a janela do escritório, viu a lua surgindo. Respirou pausadamente e pensou... vamos ao chavão popular: "No fim dá tudo certo." Que seja a esperança.

Autora:

**Adriana Paone**  
Advogada, solteira,  
35 anos, sem filhos.





# Comissão Julgadora

**André-Kees de M. Schouten**

Estudante de Ciências Sociais - Bolsista de Iniciação Científica (USP)

**Eduardo Manoel Britto**

Mestrando em Literatura Alemã - Pesquisador do NEV (USP)

**Joaquim Rodrigues Júnior**

Capitão da Polícia Militar de São Paulo

**Lúcia Filomena Carreiro**

Assistente Social - Centro de Referência DST / AIDS (SMS)

**Ligia Kiss**

Estudante de Ciências Sociais

**Maria Rita Kehl**

Psicanalista e Ensaísta

**Milena Dayan Liberman**

Psicanalista - Faculdade de Medicina da USP

**Mônica de Melo**

Procuradora do Estado de São Paulo - Oficina de Direitos da Mulher (NEMGE/USP)

**Wânia Passianato Izumino**

Socióloga - Coordenadora de Pesquisa do NEV (USP)

**Yanina Otsuka Stasevskas**

Psicanalista - Casa de Cultura do Butantã

# Entre tapas e beijos

O dia a dia em casa

A leitura das redações nos abriu uma porta para o ingresso em muitas salas, casas, quartos e também na vida e na imaginação de mulheres e homens, que se dispuseram a partilhar conosco suas histórias, seus tapas e seus beijos. Cada pessoa nos convidava a conhecer e a sentir um pouco de sua intimidade, de suas dores e alegrias. Difícil era não se envolver, não ficar imaginando como continuou uma história, de quem era aquele pseudônimo, de quem era aquela letra, diante da tarefa de selecionar e classificar cada uma das redações.

Penso que foi uma grande experiência, penso que cada uma daquelas histórias nos fizeram refletir e também sentir as diferentes formas de expressão de um contexto de violência.

A publicação dessas histórias, além de merecidamente divulgar os textos premiados, de enorme beleza literária, também fará outras pessoas refletirem, sentirem, talvez até descobrir e quem sabe se fortalecerem para lidar com o complexo problema da violência no âmbito privado.

Mônica de Melo  
Procuradora do Estado de São Paulo  
Oficina de Direitos da Mulher (NEMGE/USP)  
Comissão Julgadora

